

LISBOA, SÍMBOLO DE ESPERANÇA
E DE LIBERDADE
escritores alemães e austríacos em trânsito - 1940-41
(algumas observações)

por
Christina Heine Teixeira*

Em finais de Junho de 1940, poucos dias após a derrota militar francesa e a entrada em vigor do Tratado de Desarmamento entre a Alemanha nazi e a França, foi fundado o *Emergency Rescue Committee* em Nova Iorque¹. Esta organização surgiu com o objectivo de possibilitar a fuga de escritores, cientistas, jornalistas e editores, bem como de artistas europeus ilustres e não-comunistas, das zonas ocupadas ou influenciadas pelos nazis, visto que o artigo 19º do Tratado, negociado entre os dois países, obrigava o Governo de Petain a entregar os refugiados políticos às entidades oficiais alemãs, desde que tal fosse exigido².

* Universidade da Madeira.

¹ Tomada de Paris: 14/06/1940; Rendição: 17/06/1940; Tratado de Desarmamento: 22/06/1940.

² Wolfgang D. Elfe, Jan Hans, eds. *Varian Fry, Auslieferung auf Verlangen, Die Rettung deutscher Emigranten in Marseille 1940/41*, Frankfurt/M, Fischer Tb, 1997;

Varian Fry, *Surrender on Demand*, Nova Iorque, Random House, 1945.

Hans Albert Walter, *Deutsche Exilliteratur 1933-1950*, vol 3, Stuttgart, Metzler, 1988;

Wolfgang Elfe, "Das Emergency Rescue Committee", in: John M. Spalek, Joseph Strelka, eds. *Deutsche Exilliteratur seit 1933, 1. Kalifornien, vol. 1, Bern, München, Francke, 1976*, p. 214-219, aqui: 214-215.

Em Agosto de 1940, Varian Fry (1907-1967), do *Emergency Rescue Committee*, deu início ao seu trabalho em Marselha. Ele e os colaboradores do seu grupo organizaram a fuga de centenas de exilados. Entre os primeiros escritores ilustres salvos encontravam-se Heinrich (1871-1950) e Golo Mann (1909-1994), irmão e filho de Thomas Mann. A saída de França foi conduzida através dos Pirinéus, Barcelona e Madrid até Lisboa.

De Junho de 1940 a Dezembro de 1941 verifiquei a passagem de setenta e três escritores de língua alemã por Lisboa.

A capital portuguesa foi, desde a ocupação da França, o último bastião livre na Europa, única porta de ligação entre a Europa, a África e as Américas sendo, pois, daí que partiam os paquetes e os *clippers* para os Estados Unidos da América. Para obter um visto de trânsito, válido por três meses, era necessário um visto de saída de França, um visto de trânsito de Espanha, um visto de um país de acolhimento definitivo e uma passagem marítima confirmada e já paga. Significa isto que, para chegar a Portugal, era preciso dinheiro mas também a ajuda de uma organização humanitária política ou religiosa, ou até mesmo de uma rede clandestina.

Dada a afluência de refugiados, o Estado Português teve dificuldades em “garantir” tanto o alojamento como a alimentação dos refugiados, uma das razões, pelas quais dificultou, cada vez mais, a entrada de estrangeiros no país, através de restrições rigorosas à concessão de vistos de entrada e da redução dos prazos de validade na autorização de residência. Os trinta dias concedidos, à partida, pela Polícia Internacional começaram a ser reduzidos para vinte e, posteriormente, para dez; aliás alguns dos refugiados foram obrigados à apresentar-se diariamente à Polícia.

A política restritiva não foi motivada pelo antisemitismo, mas antes pela preocupação com possíveis abalos internos que a presença de tantos estrangeiros de outra mentalidade cultural poderia vir a provocar, e ainda pelo receio de uma eventual actividade política contra o regime.

Os emigrantes menos favorecidos, aqueles que não desafogavam nem de dinheiro nem de apoios de organizações humanitárias, tiveram que ficar, às vezes, meses no país ou “encalharam” mesmo em Portugal. O Estado Português procurou controlar estes milhares de refugiados, remetendo-os para residências fixas em estâncias de turismo, como por exemplo as Caldas da Rainha, Ericeira, Figueira da Foz, Curia e outras localidades, ou aprisionando-os nas cadeias do Aljube e de Caxias.

Para Portugal, as residências fixas significavam uma fonte de receita considerável visto que a *Comassis* (*Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados*), com a ajuda pecuniária da *Joint* (*American Joint Distribution Committee*), pagava as diárias nos hotéis. Os apoios da *Comassis* para os exilados incluíam também a comida servida por uma cozinha da comunidade israelita e tratamentos médicos num hospital judeu, além de serem fornecidos medicamentos e roupas.

A PVDE (Polícia de Vigilância e da Defesa do Estado), nas rusgas efectuadas aos cafés frequentados pelos emigrantes, detinham estrangeiros indesejáveis, quer pela sua nacionalidade quer por terem entrado ilegalmente no país, ou por não possuírem a documentação exigida pelo Estado Português. Os reclusos forasteiros das prisões do Aljube e de Caxias, na companhia dos guardas prisionais, podiam procurar consulados e organizações humanitárias com o objectivo de obter um visto para um país definitivo, bem como uma passagem marítima³. Através de negociações com a PVDE, as organizações humanitárias e o próprio Representante diplomático da Inglaterra conseguiram frequentemente legalizar a situação de alguns refugiados indocumentados e também, amiúde, a sua libertação⁴.

Após a travessia da fronteira hispano-portuguesa, muitos dos exilados descrevem a diferença entre a população empobrecida e faminta numa Espanha destruída pela Guerra Civil e um Portugal limpo e bem cuidado, com a sua gente alegre e comunicativa. Alfred Döblin (1878-1957) é espontâneo na sua caracterização de Portugal como um mundo multicolor e pacífico no sul da Europa. A solicitude e a amabilidade das famílias portuguesas são minuciosamente referidas pelos escritores Alfred Döblin e Friedrich Torberg (1908-1979). O apoio bem especial de que ambos foram alvo estará, certamente, associado à sua vinda para Portugal logo após o

³ “Von der Flüchtlingsfront – Für die Lissaboner Flüchtlinge” in: *Semanário Aufbau, Reconstruction*, Nova Iorque, 25. 7. 1941, p. 3.

⁴ *Ibidem*.

“Die Krise der Refugee-Transporte” Lissabon, in: *Semanário Aufbau Reconstruction*, 23.05.1941, p. 2.

Irene Flunser Pimentel, “Refugiados entre portugueses” (1933-1945), in: *Vértice*, 69/Nov.-Dez. 1995, II Série, p.102-111, aquí:104 (a seguir: Pimentel, “Refugiados entre portugueses” e página).

colapso da França. A população ainda não estava saturada pela pressão resultante do fluxo de refugiados estrangeiros de praticamente todas as origens e ainda não regateava a sua disponibilidade.

Em Lisboa, o dia-a-dia dos emigrantes era preenchido com esperas, em grandes filas, na posta restante no edifício dos correios da Praça do Comércio, com procura de consulados de países de acolhimento, em especial dos países latino-americanos e do consulado norte-americano e com constantes requerimentos de visto. Além disso, as organizações humanitárias eram solicitadas para a compra de passagens marítimas. Da rotina do dia-a-dia, fazia parte a visita dos cafés onde pudessem ser partilhadas informações e pistas.

Heinrich Mann acompanhava, sem muita convicção, a mulher às repartições, consulados e organizações humanitárias. Ela teve que lutar para conseguir passagens a bordo do navio, enquanto que ele mal manifestou interesse, como se não lhe importasse partir ou ficar. Em cada uma das linhas das suas memórias sobressai a tristeza e a saudade de uma cultura perdida. A despedida da Europa custou-lhe muito, abalou o homem imbuído de cultura europeia.

Em finais de Setembro, o autor Maximilian Scheer (1896-1978) visitou Heinrich Mann no seu hotel do Estoril e acompanhou-o a bordo do navio onde Heinrich Mann embarcou. No seu diário, Maximilian Scheer registou:

“Esta é a despedida de Heinrich Mann da Europa. [...] Dentro de dias o navio dele vai partir. Fugiu da França, teve que fugir pela segunda vez dos nazis, passa estes últimos dias da sua estadia na Europa na pequena localidade do Estoril nos arredores de Lisboa, mas o seu coração, os seus pensamentos ficaram em França”⁵ (trad.minha).

O próprio Heinrich Mann descreveu a sua partida com as seguintes palavras:

“O olhar sobre Lisboa revelou-me o porto. Será o último porto no momento em que a Europa ficar para trás. Pareceu-me de uma rara beleza. Uma amante perdida não podia ser mais formosa [...]”⁶ (trad. minha).

⁵ Maximilian Scheer, *Paris – New York*, Berlin, Verlag der Nation, 1966, p. 92.

⁶ Heinrich Mann, *Ein Zeitalter wird besichtigt*, Reinbek, rororo, 1976, p. 311-312.

São muitos os escritores exilados que descreveram a sua chegada a Lisboa; Karl Paetel (1906-1975) por exemplo relata:

“Chegámos à Praça do Rossio, o centro de Lisboa. Magnífico! Só quem vem de um país numa escuridão total, onde à noite é preciso andar pelas ruas a tactear o caminho, pode apreciar o que viemos encontrar, quando às duas da madrugada sentimos jorrar sobre nós aquela iluminação mágica das luzes na praça”⁷.
(trad. minha)

Outros exilados, como por exemplo Maximilian Scheer, registavam as suas impressões do mercado com a sua profusão de “peixes, caça, aves de capoeira, verduras, fruta tropical, ananás, ananás, ananás...” (trad. minha)⁸. Marianne Loring (1924-), filha do político socialdemocrata e jornalista Friedrich Stampfer (1874-1957), conta que a família ficava embaixacada diante das lojas, onde havia “montes de queijo, enchidos, carne, manteiga, leite, fruta, verduras, chocolate, mel, bolos, e quintais de café aromático” (trad. minha)⁹. Outros emigrantes ficavam boquiabertos perante a abundância de bolos, tartes e cubas de *chantilly* nas pastelarias. Para quem vinha de França ou de outros países europeus atormentados pela guerra, Portugal apresentava-se como um paraíso... *triste* acrescentou Antoine de Saint-Éxupéry (1900-1944) na sua estada em Dezembro de 1940.

Com os estrangeiros, uma nova clientela surge nos cafés, mudando os hábitos do quotidiano português. São muitos os perseguidos que registavam as suas impressões de vida nos cafés limpos, com toalhas brancas nas mesas, onde saboreavam café e bolos, como há muito não acontecia. Após a sua chegada a Lisboa, muitos dos refugiados eram arrastados pelos amigos, para a Pastelaria Suíça onde comiam bolo de chocolate com *chantilly*, enquanto as conversas giravam à volta de hotéis baratos, boa comida e navios para a América. Às vezes a gula era tanta que ficavam mesmo doentes...

⁷ Karl O. Paetel, *Reise ohne Uhrzeit, Autobiographie*, London, Worms, The World of Books, Verlag Georg Heintz, 1982, p. 253.

⁸ Maximilian Scheer, *Paris – New York*, Berlin, Verlag der Nation, p. 93.

⁹ Wolfgang Benz, ed.: *Marianne Loring, Flucht aus Frankreich 1940, Die Vertreibung der deutschen Sozialdemokraten aus dem Exil*, Frankfurt/M, Fischer, 1996, p. 126.

Na novela autobiográfica do escritor austríaco Hermann Grab (1903-1949) lê-se:

“Falava-se das condições de entrada e de vida no Brasil e no Perú, uma vez que o paraíso da América do Norte estava praticamente fora de alcance. Entretanto, o sol iluminava as fachadas limpas das casas e o verde da Avenida da Liberdade. Um dos cafés tinha mesas com toalhas brancas, numa zona da faixa central que dividia a avenida, onde as pessoas se sentavam, à sombra de árvores altas, comendo bolas de Berlim cobertas de calda de açúcar e acompanhadas de chá frio”¹⁰ (trad. minha).

Erika Mann (1905-1969), filha de Thomas Mann, por sua vez, dá uma imagem bastante diferente dos cafés lisboetas, que conheceu no Outono de 1940. Na sua reportagem “Encalhado em Lisboa” (1940) relata:

“O café estava a abarrotar de gente. [...] O ar cheio de fumaçada e pesado do hálito de tantas pessoas... A maioria dos refugiados vestia os mesmos trajes com os quais tinha abandonado a sua terra ou o país que temporariamente lhes tinha concedido asilo. As roupas estavam velhas e gastas, sujas e muitas vezes esfarrapadas. Havia no ar um cheiro de trapos sujos. [...] Era quase impossível respirar neste terrível pequeno café “international” em Lisboa”¹¹ (trad. minha).

Nas suas memórias, Alexandre Babo descreve as esplanadas do Rossio, onde se viam desfilar, de manhã até altas horas da noite, refugiados das mais remotas origens¹². “Uma *bica*, um *carioca* ou um *garoto* davam direito ao encosto de uma mesa para toda a tarde”¹³. E os emigrantes ficavam sentados longas horas diante de uma chávena de café,

¹⁰ Hermann Grab, “Ruhe auf der Flucht”, in: Die neue Rundschau, 16. H., Amsterdam, Bermann-Fischer, 1949, p. 461.

¹¹ Irmela von der Lühe, Uwe Naumann, eds., *Erika Mann – Blitze über dem Ozean, Aufsätze, Reden, Reportagen*, Reinbek, Rowohlt, September 2000, p. 186-187.

¹² Alexandre Babo, *Recordações de um Caminheiro*, Lisboa, Ed. Escritor, 1993, p. 141.

¹³ Alves Redol, *O Cavalo Espantado*, Lisboa, publ. Europa-América, 1977, 4ª ed., p. 76.

observando os espíões das potências em guerra. Traficantes do mercado negro frequentavam os cafés e vendiam passagens para os pequenos vapores portugueses que levavam duas semanas a chegar à América do Norte.

Irene Flunser Pimentel afirma que os cafés mais frequentados pelos refugiados encontravam-se entre o Chiado, a Baixa Pombalina, o Rossio, a Praça dos Restauradores e a Avenida da Liberdade, visto que nesta zona estavam situados os consulados, as companhias aéreas, as agências de viagem, os agentes das companhias de navegação e as organizações humanitárias¹⁴. Foi nesta altura, que a Pastelaria Suíça abriu a sua esplanada. O narrador do romance *O Cavalo Espantado* de Alves Redol relata que foi por volta de

“1939 [...] que a pedido de estrangeiros sem sol para os aquecer na vida, se puseram mesas nos passeios [...] O gerente cedera, contrafeito, com receio de perder uma clientela que desconhecia os preços e não os regateava”¹⁵.

Na Pastelaria Suíça, chamada familiarmente *Bompernasse*, predominavam as mulheres que passavam o dia tomando o café, de perna traçada, com bastante à-vontade, fumando em público¹⁶. Foi o comportamento descontraído destas estrangeiras que atraía muitos homens e rapazes à volta dessa “montra de pernas e de coxas para todas as gulas lisboetas”, como se pode ler no romance *O Cavalo Espantado* de Alves Redol¹⁷.

O comportamento descontraído das emigrantes, que durante o verão vestiam saias curtas e blusas largas sem mangas, de cores mais ligeiras e garbadas, que não usavam meias, nem chapéus, nem luvas, mas que utilizavam maquilhagem, que entravam sozinhas nos cafés a fumar em público e que passeavam sem ser acompanhadas nas ruas, perturbou os homens e alterou

¹⁴ Irene Flunser Pimentel indica os seguintes cafés e pastelarias em Lisboa frequentados pelos refugiados: Veneza, Palladium, Império, Gelo, Nicola, Chave de Ouro e Suíça. in: “Refugiados entre portugueses (1933-1945)”, p. 106;

Muitos dos agentes das Companhias de Navegação tinham os seus escritórios na R. dos Fanqueiros, outros na R. Augusta, R. do Comércio, Avda. 24 de Julho e na Praça Duque da Terceira.

¹⁵ Alves Redol, *O Cavalo Espantado*, publ. Europa América, 1977, 4ª ed., p. 77.

¹⁶ Alexandre Babo, *Recordações de um Caminheiro*, Lisboa, Ed. Escritor, 1993, p.141.

¹⁷ Alves Redol, *O Cavalo Espantado*, publ. Europa América, 1977, 4ª ed., p. 77.

os hábitos das portuguesas¹⁸. Custou bastante aos homens portugueses observar que as próprias filhas e mulheres imitavam agora a maneira de vestir de um modo menos formal e de pentear à moda das refugiadas.

A influência estrangeira no código de conduta da população portuguesa foi bastante intensa em várias áreas, por exemplo, na comida e na bebida. Também o mundo do lazer e da moda sofreram esta influência. Frequentemente, os estrangeiros provocaram protestos, por vezes devido a *pequenos pecados* como o uso de sandálias nos restaurantes. “A cidade toda ficou com um rasgo indecente e desnudado”, relata o narrador no romance *Deus não Dorme*¹⁹. Contudo, hoje em dia, é difícil de precisar se esta alteração de hábitos foi passageira ou se iniciou mesmo um processo contínuo de modificação de mentalidades²⁰. Deve ter sido a sexualidade mais espontânea, menos escondida, que indignou os lisboetas. Apesar do escândalo que causavam, afirma António José Telo, as emigrantes eram encaradas como um símbolo de modernidade²¹.

Marianne Loring, com os seus 16 anos, sentiu-se escandalizada com a falta de independência das mulheres portuguesas. A constatação de que, por imperativos morais, as mulheres portuguesas tinham que ficar em casa - uma mulher decente não podia sair à noite - fez-lhe perder o gosto de estar em Lisboa²².

O alívio de ter passado a fronteira espanhola foi provavelmente a razão que levou muitos dos intelectuais exilados a comentar a situação política portuguesa de uma forma pouco realista. Nas suas autobiografias, a maioria dos escritores regista imagens *cor-de-rosa* da sua passagem pelo país. O autor e jornalista alemão, Franz Schoenberner (1892-1970), afirma que sabia “que este país vivia sob um ditador mas, talvez porque Salazar era, antes de mais, professor catedrático e não um general, o mal da opressão e da injustiça parecia menos acentuado e menos alargado”²³ (trad. minha).

¹⁸ Alexandre Babo, *Recordações de um Caminheiro*, Lisboa, Es. Escritor, 1993.

¹⁹ Suzanne Chantal, *Gott schläft nicht*, Innsbruck, Rohrer Verlag, 1947, p. 143.

²⁰ Pimentel, “Refugiados entre portugueses (1933-1945)”, p. 111.

²¹ António José Telo, Prefácio: José Caré Junio, *Ericeira 50 anos depois, Os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial*, Ericeira, Mar de Letras, 1998.

²² Wolfgang Benz, ed., *Marianne Loring, Flucht aus Frankreich 1940, Die Vertreibung der deutschen Sozialdemokraten aus dem Exil*, Frankfurt/M, Fischer, 1996, p. 128.

²³ Franz Schoenberner, *Innenansichten eines Außenseiters, Erinnerungen 2*, Icking, München, Kreisselmeier Verlag, 1949, p. 200.

Entre os poucos escritores que fazem uma crítica à situação política, social e económica portuguesa, e que se referem à miséria e à pobreza da população lisboeta, contam-se Maximilian Scheer, Karl Paetel e Marta Feuchtwanger, mulher do autor alemão Lion Feuchtwanger (1884-1958). Karl Paetel revela a sua revolta perante a miséria e confirma que a pobreza na cidade atingiu uma dimensão que anos mais tarde presenciou nos *slums* de Harlem, Nova Iorque. Maximilian Scheer descreve várias situações e retrata ainda os arduos esfarrapados e sujos que, descalços, corriam as ruas e avenidas lisboetas vendendo jornais nacionais. Marta Feuchtwanger, por sua vez, observou e descreveu a miséria que encontrou para além das avenidas. Nas suas memórias fala dos portugueses que tinham só um sapato calçado enquanto o outro pé estava embrulhado em ligaduras. No romance *O Cavalo Espantado* o narrador descreve:

“Um engraxador da rua, maltrapilho e magrizela, põe a caixa aos meus pés e pega-me no sapato. Percebeu que sou estrangeiro, acha que me vai enganar e está feliz. [...] Tem um pé descalço e outro com uma espécie de sapato de pano sem solas. [...] Explica-me, por gestos, apontando um polícia, que é obrigado a andar calçado, mesmo que seja só num pé. É um pé com uma crosta castanha, enorme para as suas canelas finas, enorme para todo o seu corpo ossudo e débil”²⁴.

O escritor alemão Maximilian Scheer parece-me ser o único autor que referiu encontros com colegas portugueses que, devido à censura, não podiam publicar os seus escritos. Fala-nos de escritores que se recusavam a fazer as pazes com a ditadura salazarista, escritores que tinha encontrado num pequeno café situado nas vielas escuras por detrás do Rossio; no entanto, não existia qualquer intercâmbio de ideias políticas com a oposição ao *Estado Novo*²⁵.

Na pensão em que residia, observou que a polícia alojava ali jovens antes de os deportar para o Brasil, porque em Portugal, a sua pátria, o regime não admitia uma oposição ao *Estado Novo*²⁶. Em 1940, a PVDE mencionou a pobreza escondida e referiu num relatório que

²⁴ Alves Redol, *O Cavalo Espantado*, publ. Europa América, 1977, 4ª ed, p. 69.

²⁵ Maximilian Scheer, *Paris-New York*, Berlin, Verlag der Nation, 1957, p. 100-101.

²⁶ *Ibidem*.

“a opinião pública anda alarmada e inquieta e, [...] em circunstâncias absolutamente inéditas desde 28 de Maio de 1926. Não se trata, unicamente, de um habitual e vulgar tendência revolucionária, como sucedia de vez em quando. Não se trata, unicamente também, de boatos postos a circular por grupelhos irrequietos ou por “estadistas de café”. [...] Os queixumes e as aparências de revolta surgem de quási todos os lados e de todas as camadas sociais, sem reboço, publicamente”²⁷.

Neste relatório ficou registado que a Polícia estava a dar “rude combate a todos os derrotistas.” – mas a brutalidade das actividades da PVDE estava, aparentemente, reservada aos opositores portugueses²⁸.

Friedrich Torberg, escritor austríaco, defendia a ideia de que os emigrantes tinham que observar uma atitude de discrição e cautela nas suas opiniões acerca da política interna, uma vez que não passavam de observadores superficiais²⁹. Muitos dos refugiados passaram apenas alguns dias ou poucas semanas em Lisboa; o tempo foi curto demais para compreender a situação política do país. Alguns, porém, residiam, temporariamente, em casas particulares, de famílias judaicas, adquirindo informações bastante aprofundadas sobre a situação política do país.

Em Lisboa não existiam entidades que se opusessem ao crescente isolamento dos exilados. As esplanadas serviam apenas de substituto provisório bem como de ponto de encontro ocasional; eram antros de rumores que, amiúde, causaram pânico e desespero a muitos dos refugiados. O nervosismo e a angústia levavam-nos a concepções compreensíveis mas muitas vezes irreais, como, por exemplo, o medo de que a Alemanha nazi invadisse Portugal. A luta pela obtenção de um visto, através do apoio de amigos na América ou de grupos humanitários internacionais, ou através de suborno e prostituição, assim como a luta penosa por passagens marítimas, cada vez mais escassas e caras, tudo isto conduzia a que cada um receasse a concorrência dos outros.

²⁷ Relatório da PVDE, 1940, Torre do Tombo, AOS/00-I4.8B p.1
transcrição literal do texto!

²⁸ Ibidem.

²⁹ Friedrich Torberg, *Eine tolle, tolle Zeit, Briefe und Dokumente aus den Jahren der Flucht*, München, Langen Müller, 1989.

Os exilados sofriam com a dependência económica, o alojamento em pensões sobrelotadas e baratas, a incerteza e a indiferença, tantas vezes desencorajante, o antisemitismo e a arrogância de alguns dos funcionários consulares americanos jovens³⁰. A despromoção social, acompanhada de uma degradação da aparência, o desemprego forçado e a vida errante levaram a uma diminuição da auto-estima. Eles aperceberam-se claramente, nesta periferia da Europa, de que nada mais lhes restava, para além de um ego, física e psicologicamente atingido, para levar consigo até ao outro lado do Atlântico. O “resto” teriam de deixar para trás: a existência burguesa, a cultura europeia, a ligação com a própria língua, e a relação com um pequeno círculo de leitores de língua alemã³¹.

Portugal, o país antidemocrático neutro e isolado por Salazar, do resto da Europa, tornou-se, ao longo da Segunda Guerra Mundial, num símbolo de esperança e de liberdade para todos os refugiados dos países, sob o poder nacional-socialista. Portugal ajudou-os de forma extraordinária, apesar de todas as dificuldades vividas e dos problemas enfrentados; nenhum outro país e seu povo deu tanto apoio aos exilados. Nas suas memórias de Portugal, os escritores alemães e austríacos manifestam a sua gratidão pela oportunidade de sobrevivência que lhes foi proporcionada. Aí se repetem, como um refrão, vivências, opiniões, rumores. Alguns dos intelectuais perseguidos limitavam-se, nos seus apontamentos, a descrições da cidade de Lisboa: ficou a imagem de uma cidade de vistos e consulados; ficou a imagem de uma cidade verde, cheia de parques e jardins exóticos, quente e ruidosa, devastada por um ciclone; e ficou a imagem da amabilidade e solicitude do povo português, em especial dos mais simples. Ficou também a imagem das esplanadas dos cafés com os seus montes de bolos e natas.

³⁰ Hermann Grab, “Ruhe auf der Flucht”, em: Die neue Rundschau, 16.H., Amsterdam, Bermann-Fischer, 1949, S. 474-475 .

Wolfgang Benz, ed., Marianne Loring, *Flucht aus Frankreich 1940, Die Vertreibung der deutschen Sozialdemokraten aus dem Exil*, Frankfurt/M, Fischer, 1996, p. 128.

³¹ Antes da ocupação de Holanda e de França pelos nazís existiam nestes países pequenas editoras – como por exemplo a editora Querido em Amsterdão – que publicavam ensaios, novelas e romances em língua alemã escritos pelos autores exilados para alemães também expulsos dos nacionalsocialistas.

